



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA

PRESIDÊNCIA

DA REPÚBLICA

XI

Discurso do Senhor Itamar Franco, Presidente da República, na solenidade de posse dos novos acadêmicos da Academia Brasileira de Ciências.

Rio de Janeiro, RJ, 15 de março de 1993.

Permita-me manifestar meu reconhecimento pela oportunidade de fazer-me presente nesta solenidade de posse dos novos acadêmicos. Bem sei que o ensejo do ingresso dos novos membros, através de severo sufrágio secreto dos pares, é ocasião de profundo júbilo de toda a comunidade científica brasileira. É que os que chegam juntam-se à ilustre grei de cientistas patricios que hoje — tanto quanto ao longo de quase oito décadas — vêm dando o melhor de seu talento, dedicação e integridade ao duro e exaltante afã de interrogar — e assim entender — a natureza, nela incluindo-se o homem, para assenhorear-se de leis que, desde o fundo dos tempos, vêm propiciando à espécie progresso material bem como espiritual. Pois que conhecimento crescente é poder, não somente sobre a natureza bruta, de onde retira sustento essencial pela moldagem do mundo, mas também sobre a ignorância e preconceitos — as trevas da mente que a ciência vem dissipando no seu evoluir, apesar dos muitos tropeços de que tem sido pródiga a nossa história no planeta.

Eu saúdo em todos os senhores os herdeiros de um Oswaldo Cruz; de Amoroso Costa e Roquette Pinto; de Carlos Chagas e de Santos Dumont; de Mário Schenberg, Arthur Moses e de Lélío Gama, entre muitos outros sau-

dosos e ilustres cientistas, cujas ações exemplares conformam e temperam nossa coragem e disposição para vencer o desafio de podermos transmitir, com igual dignidade, o País que eles nos legaram. A eles somos devedores de iniciativas e ações que neste século tanto marcaram a vida nacional. Basta lembrar o papel da sociedade brasileira de educação, criada nesta Casa, e que motivou a criação de nossas universidades — a do Brasil, a de Minas e a do Distrito Federal — na implementação de ideal que o descuido nacional fazia dormir desde o sonho dos inconfidentes e de José Bonifácio de Andrada e Silva, trinta anos depois daquele marco.

Nesta oportunidade, cabe-me recordar que não há ciência sem respeito à verdade dos fatos, caudatários das leis naturais — do funcionamento regular da «estranha máquina do mundo» de que nos fala o poeta, cuja complexidade nos incute a humildade que é reconhecido apenágio do verdadeiro cientista. Eis por que a ciência é profundamente ética! Eis por que ela deve constituir instrumento privilegiado de educação dos moços e moças na construção de uma sociedade cuja honestidade, integridade e compaixão lhes permitam encarar de frente, com a objetividade e clarividência requeridas, nossa terrível e preocupante realidade, para alterá-la, através do uso racional de recursos, tanto materiais quanto humanos, que o destino e o esforço ingente dos nossos antepassados nos legaram.

Esses são os ideais que balizaram a trajetória dos nossos grandes mortos e que constitui o caminho trilhado pelos atuais acadêmicos, como o daqueles que ora juntam-se à Casa.

Dispensando-me de mencionar os nomes ilustres daqueles que hoje constituem o corpo acadêmico, singularizando, em Carlos Chagas Filho, a homenagem devida a todos.

Ele é o decano distinto dos cientistas brasileiros que, com Aristides Pacheco Leão e Maurício Matos Peixoto, dirigiram, com prudência e sabedoria, esta Casa, nesses últimos desafiadores trinta anos, honrando-a e conservando-a.

A sociedade brasileira é devedora da academia, tanto quanto das sociedades científicas, por haverem mantido incólume, em circunstâncias freqüentemente adversas, os altos ideais que animaram seus fundadores. É nesse espírito que venho a assinar o decreto que cria a Ordem Nacional do Mérito Científico, para recompensar aqueles brasileiros que tenham dado contribuição maior ao desenvolvimento da ciência e da tecnologia entre nós. Esta láurea será outorgada no dia 13 de junho de cada ano, data do nascimento de José Bonifácio de Andrada e Silva, talvez o maior cientista brasileiro de todos os tempos, cuja memória desejamos, com este ato, para sempre cultivar.

A despeito das grandes dificuldades que atravessamos, para fazer com que a ciência brasileira possa receber recursos materiais crescentes, atribuiu-se aos pesquisadores, particularmente aos jovens bolsistas, compensações condignas, vinculando definitivamente o valor das bolsas à remuneração vigente na carreira universitária.

Outrossim, determinei ao Ministro de Estado da Ciência e Tecnologia que concluísse, com urgência, em articulação com onze outros Ministros interessados na questão, a formulação de projeto de lei que cria a carreira de pesquisador no âmbito de instituições técnico-científicas do Governo Federal, como parte do indispensável esforço de promover o reordenamento do serviço público.

Decidi reforçar prioritariamente o setor de ciência e tecnologia, juntamente com os de meio ambiente, saúde e segurança — que se encontram todos criticamente afetados seja pela recessão, seja por políticas equivocadas — com

recursos provenientes da privatização em curso de empresas estatais.

Caros Cientistas,

Como se sabe, as tecnologias portadoras do futuro são hoje caras e freqüentemente inacessíveis; sua utilização, ao contrário do que prevaleceu antes desse marco, está cada vez a exigir mão-de-obra melhor qualificada; a inteligência e a informação permeiam o novo ambiente industrial. Aos fatores de produção tradicionais agrega-se a vertiginosa capacidade de produção, aliada à flexibilidade propiciada pelo uso intensivo da informática. A indispensável retomada do nosso crescimento exige, além de urgentes medidas saneadoras da economia, a participação intensa e extensa da inteligência brasileira, particularmente de sua comunidade científica e tecnológica que muito poderá contribuir para a redução das imensas desigualdades regionais e de renda que afetam a nossa Pátria.

Ao proceder a reforma administrativa do Governo, propus ao Congresso Nacional o restabelecimento imediato do Ministério da Ciência e Tecnologia, entregando-o à direção do Doutor José Israel Vargas, legítimo representante da comunidade científica e, não por acaso, um dos dirigentes desta Casa, cuja carreira e êxitos constituem orgulho de seus conterrâneos de Minas e de todos os brasileiros.

Trata-se agora de reestruturar o Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia, órgão máximo de formulação e coordenação da política do setor, tanto a nível do Governo, orientando e disciplinando sua ação, quanto da sociedade como um todo, a quem deve estimular, mobilizando-a com incentivos apropriados.

Pretende-se adotar para o mesmo estrutura central ágil e leve que permita o direcionamento de esforços a um número restrito de objetivos, claramente formulados.

Está o professor Vargas autorizado a realizar estudos, visando a formulação do pertinente projeto de lei a ser oportunamente submetido ao Congresso Nacional.

Estas são, em linhas gerais, as diretrizes do meu Governo na área de ciência e tecnologia. Côncio das limitações impostas pelo mandato desta administração, elas buscam corrigir desvios e consolidar as ações voltadas para restaurar a esperança dos cientistas e tecnólogos a fim de que possam oferecer à sociedade sua importante parcela de contribuição à indispensável retomada de desenvolvimento de nosso País.

Convoco, respeitosamente, nesta solenidade emblemática, os cientistas brasileiros a colocarem o uso da razão, da inteligência e de seu poder criativo a serviço da nobre e exaltante tarefa de resgatar nossa imensa dívida social, pela retomada do desenvolvimento continuado, que constitui hoje a aspiração maior de nosso povo.

Não posso deixar de usar esta oportunidade rara, em que me dirijo aos cérebros privilegiados do País, para manifestar o sentimento do Presidente da República a respeito do momento crucial vivido pela sociedade brasileira.

Parece-me consensual a certeza de que a gestão da coisa pública — após o doloroso processo que assistimos dos descaminhos em que se debatia a Nação — deva corresponder a período fértil, no qual a restauração do sentimento de fé que os governados devem manter por seus governantes não dependa de fórmulas miraculosas imaginadas por um só homem, mas, sim, do trabalho solidário de toda a comunidade.

Devemos ter plena consciência das nossas dificuldades; do período de transição que nos espreita e nos desafia; da etapa de reencontro de caminhos. É também o instante de, sem hesitação, enfrentar e vencer as resistências, venham de onde vierem, para que possamos realizar as transformações sociais que o futuro, já tão próximo, nos cobra desde agora.

Finalizo invocando a palavra luminosa de Octavio Paz: «Entre o mundo e nós surge uma impalpável, transparente muralha: a da nossa consciência».

Muito obrigado.